

VIA TEOLÓGICA

Volume 23 – Número 45 – jun. / 2022

ISSN 2526-4303 (ON LINE)

RESENHA

UM CHAMADO À RESPONSABILIDADE PASTORAL EM MATÉRIA ECLESIOLOGICA

Dr. Diogo da Cunha Carvalho



A Revista Via Teológica está licenciada com uma Licença Creative Commons. Atribuição – Não Comercial – Sem Derivações - 4.0 Internacional

UM CHAMADO À RESPONSABILIDADE PASTORAL EM MATÉRIA ECLESIOLÓGICA

BLEDSON, David Allen. **Igreja regenerada**: uma eclesiologia bíblica, histórica e temporânea. São José dos Campos: Fiel, 2022. 528 p.

Dr. Diogo da Cunha Carvalho¹

¹ O autor é Gerente de Evangelismo da Junta de Missões Nacionais da CBB e Professor de Missiologia do Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil / Faculdade Batista do Rio de Janeiro. É Bacharel em Direito pela Faculdade de Direito de Campos e em Teologia pela Faculdade Batista do Rio de Janeiro. Também Pós-Graduado em Docência do Ensino Superior pela EMERJ-Universidade Estácio de Sá e Pós-Graduado em Direito Público pela Universidade Estácio de Sá. É Mestre em Estudos Teológicos com ênfase em Missiologia pelo Southeastern Baptist Theological Seminary (EUA) e Doutor em Teologia na PUC-Rio. E-mail: diogo@missoesnacionais.org.br.

A obra do Dr. David Bledsoe chega ao cenário teológico brasileiro em momento crucial, quando os sintomas do gradual enfraquecimento da eclesiologia testemunhado nas últimas décadas, os quais o autor chama gentilmente de irregularidade e carências (p. 452), foram de tal modo expostos pela pandemia da Covid-19, que se tornaram alarmantes. Conforme indica o pastor Judiclay Santos, signatário da apresentação, esse processo que se faz notar, de perda do entendimento bíblico sobre a igreja – o qual pode ser comparado a uma erosão (p. 30) – justifica a necessidade da obra face a seus objetivos: corrigir perspectivas equivocadas, apresentar a doutrina da igreja de forma clara e consistente de forma a “ajudar os leitores a ampliar a visão e a aprofundar o entendimento bíblico sobre a igreja de Cristo” (p. 31).

O Dr. Bledsoe organiza o trabalho em quatro partes. Na primeira, apresenta uma perspectiva bíblica sobre a igreja, alinhando-a com o evangelho e a missão de Deus (cap. 2-4). Para ele, a eclesiologia não é uma disciplina teológica estanque, mas o desdobramento de uma soteriologia bem fundamentada (p. 102). Os discípulos de Cristo são todos aqueles que creem no evangelho (p. 104), e a igreja, nada mais que o “ajuntamento de discípulos de Cristo que vivem coletivamente de acordo com seus ensinamentos e os dos apóstolos” (p. 103). Esse mesmo entrelaçamento se percebe, também, entre eclesiologia e missiologia. De acordo com Bledsoe, a igreja é o “veículo para o continuado cumprimento da missão redentora de Deus” (p. 94), de modo que essa missão deve ser levada a cabo corporativamente (p. 95).

Nos capítulos 5 e 6, o autor aborda a igreja como comunidade da aliança e, mais uma vez, explicita a relação entre a doutrina da igreja e temas de vital interesse teológico, como conversão, arrependimento e fé. Também discorre sobre a importância, para efeito de uma eclesiologia saudável, de uma visão integrada de evangelismo e discipulado (p. 117). Para ele, a igreja é o resultado e o contexto de se fazer discípulos (p. 138). É nela que os novos discípulos, aqueles que entram na nova aliança, aprendem a obedecer a tudo que o Senhor instruiu (p. 156).

Na segunda parte da obra, Bledsoe oferece um vigoroso panorama sobre diferentes perspectivas eclesiológicas desde o período pós-apostólico até a Reforma Protestante. No capítulo 7, narra com propriedade o gradativo desvio dos ensinamentos de Cristo e dos apóstolos que foi permitido ou promovido pelos líderes eclesiásticos já no segundo século (p. 179). No capítulo 8, expõe a complexa situação do período medieval, quando a Igreja Católica Apostólica, por força do Quarto Concílio Laterano (1215), reivindicou ser sinônima daquela igreja “una, santa, católica e apostólica” aludida no Credo de Niceia e a única dispensadora da graça divina sobre a terra (p. 184). Consoante apresentado, foi nesse período que se instituiu a salvação pelo sistema sacramental (p. 187), segundo o qual o Espírito Santo aplica a redenção da obra expiatória de Jesus às pessoas por meio dos sete sacramentos (p. 195). Com isso, a eucaristia passou a ser um meio de infundir as graças temporais e eternas necessárias para a vida cristã (p. 194) e o batismo, um “instrumento da graça que limpa a pessoa da mancha do pecado original, causa a regeneração, provê sua justificação inicial perante Deus e a faz membro do corpo de Cristo” (p. 189).

No capítulo 9, Bledsoe ressalta a Reforma Protestante como resgate do evangelho e da igreja, ou, dito de outra forma, da soteriologia (o que Deus requer de cada um para entrar e ao entrar na nova aliança) e da eclesiologia (“a vivência coletiva do evangelho pelos discípulos de Cristo nas igrejas”, p. 217). Segundo o autor, graças à adoção do princípio *sola Scriptura* os reformadores entenderam que as Escrituras, e não mais o papa nem seu magistério, tinham a palavra final para julgar questões bíblicas e morais (p. 227), de modo que a Igreja Católica Romana, uma vez escrutinada biblicamente, foi considerada uma igreja falsa (p. 234).

No capítulo 10, Bledsoe apresenta as marcas da igreja verdadeira segundo a tradição reformada, que são: a pregação fiel da Palavra, a celebração fiel das ordenanças e a disciplina restauradora; e adiciona uma quarta: “a membresia regenerada, em

virtude dos seus óbvios méritos bíblicos e da insistência nela, da parte dos reformadores radicais e dos demais, já bem no início da Reforma” (p. 237). Tema central no livro (que lhe confere o título), essa última marca ocupa um dos trechos mais esclarecedores da obra (p. 241-245) e que traduz o cerne da tomada de consciência à qual o autor convida seus leitores, notadamente os coirmãos de sua denominação: “a membresia regenerada tem sido a marca essencial ‘batista’ em sua busca de estabelecer e preservar uma igreja pura, composta de crentes apenas, os quais tenham sido batizados por sua profissão de fé e estejam pactuados com seu Deus e uns com os outros para viverem como Cristo ordenou” (p. 244).

Após lamentar que essa marca tem sido cada vez menos visível entre os evangélicos, mesmo entre os batistas (p. 245), Bledsoe inaugura a parte 3, intitulada “Igreja regenerada, sua importância e as preocupações atuais”. Ali, começa com a descrição da regeneração como chave para discernir igrejas verdadeiras e discípulos genuínos (cap. 11, p. 253). Consoante a frase que sintetiza seu argumento central, “somente crentes genuínos – discípulos autênticos que evidenciam a obra regeneradora do Espírito Santo – devem se tornar membros de uma igreja autêntica” (p. 261). Tamanha a relevância desse entendimento para o autor, que ele chega a afirmar que membresia regenerada e igreja são sinônimos, “ou, pelo menos, deveriam ser em nossas mentes” (p. 263).

O capítulo 12 cuida de “sintomas preocupantes relacionados à membresia eclesiástica e suas causas” (p. 273). A lista é extensa: condição espiritual dos membros não tratada, carência de vivência e mutualidades cristãs, alguns pecados graves tolerados, rol de membros desproporcional ou inexistente, divisões e escândalos, ausência de reuniões deliberativas expressivas, ordenanças celebradas de forma individualista, visitantes com status de membros, afastamento dos jovens da vivência cristã e outras questões no culto tomando o espaço da Palavra. Entre as causas para esses problemas, Bledsoe indica a deficiência na compreensão do valor de pertencer a uma igreja e o declínio da disciplina.

A terceira parte do livro se encerra no capítulo 13, no qual o autor discorre sobre argumentos em prol da membresia eclesial (p. 299). Esses argumentos podem ser resumidos na seguinte colocação: “as igrejas são o contexto coletivo estabelecido por Deus para o discipulado cristão (...). A membresia, assim, protege os crentes de viverem como uma ilha, vulneráveis a Satanás, suscetíveis aos desejos carnis e de acordo com os padrões do mundo” (p. 311). A igreja local também é o ambiente primário para cumprir a Grande Comissão (p. 308), cujo público-alvo inclui aqueles que se recusam a pertencer a uma igreja verdadeira (p. 314).

Na quarta parte, Bledsoe elenca os elementos bíblicos e de prudência que, a seu ver, asseguram a membresia regenerada. Entre os bíblicos, constam: (a) a busca da pureza e do batismo (cap. 14) – o qual significa a imersão do crente na água (p. 326) e constitui o “sinal efetivo da nova aliança, o compromisso solene da pessoa que entra nela e o rito iniciatório cristão e eclesial” (p. 327); (b) a ceia do Senhor e seus aspectos riquíssimos (cap. 15), incluindo sua correlação com a igreja e o batismo (p. 352), pela qual apenas a reunião do grupo pactual, isto é, da igreja local, provê o contexto adequado para sua celebração (p. 365); (c) o governo e a disciplina (cap. 16), trecho em que faz uma convincente defesa da visão congregacional de governo e da autonomia da igreja, bem como da disciplina eclesial em suas naturezas formativa e corretiva; e (d) a liderança por meio de oficiais (cap. 17), ou seja, de pastores (ou presbíteros ou bispos) e diáconos.

O penúltimo capítulo (18) oferece elementos na categoria de prudência cristã, os quais, não sendo explicitamente ordenados na Escritura, “são consistentes com aquilo que Deus revelou em sua Palavra e se comprovam benéficas” (p. 416). Citam-se, como exemplos, o pacto de compromisso e as confissões doutrinárias. O último capítulo (19) traz um convite final à prática; convite esse dirigido especialmente aos pastores, visto que sua eventual falta de convicção quanto a esses assuntos inviabili-

zará as correções de curso para uma igreja alcançar o ideal da membresia regenerada (p. 453). Por fim, os ricos apêndices contêm, entre outros excertos, o Credo Apostólico e duas seleções interessantes: de definições sobre a igreja e de pactos recentes de compromisso da igreja. Completam a obra dezoito laudas de extensa biografia, além de um útil índice remissivo.

Uma resenha como esta reclama que se tenham críticas positivas e negativas à obra em questão. A primeiras são muito mais fáceis de fazer. O caráter oportuno da obra é inquestionável, e autor demonstra estar consciente dele, ao eternar, ainda no prefácio:

Eu queria refletir com meus leitores, de forma profunda, acerca do que Deus revelou sobre o evangelho, da nossa obediência a Cristo e da igreja como comunidade de discípulos em nova aliança com seu Deus. Parece que estamos meio perdidos sobre muitos desses rudimentos bíblicos e sua correlação. Para recuperá-los em nossas igrejas, precisamos primariamente entendê-los de acordo com as Escrituras, comunicá-los fiel e repetidamente e, então, aplicá-los de modo apropriado (p. 36).

De fato, Bledsoe escreve convencido da necessidade de uma obra como essa no atual momento histórico (p. 35). Suas inquietações se projetam, também, para o futuro. Reiteradamente, refere-se às próximas gerações como alvo de suas preocupações. Como destaca, seu desejo é “tratar do que o Senhor quer que sua igreja seja, em que quer que ela creia e o que quer que ela faça em cada geração, para que cresça em Cristo e o faça de modo saldável” (p. 49). Em outro trecho, alerta: “a maneira pela qual enxergamos e estruturamos nossas congregações hoje determinará o legado do evangelho para as próximas gerações” (p. 47). Ou, ainda: “as crenças e práticas das igrejas de uma geração são determinantes para as igrejas das gerações seguintes, seja para o bem, seja para o mal” (p. 179).

Contudo, essa urgência em instante algum se transbor-da em acidez, nem mesmo diante da razoável inferência – que

Bledsoe deixa para o leitor – de que aquela erosão doutrinária a que seu apresentador se refere (p. 30) poderia estar sendo contida pelos pastores, caso fossem mais diligentes. Porém, esse chamado à responsabilidade é sempre colocado de forma amorosa e construtiva. Missionário em atuação no Brasil desde 1999, com frutuoso trabalho na área teológica e hábil na construção de relações de amizade e mentoria com pastores, o autor consegue enxergar sob perspectiva o cenário das igrejas evangélicas brasileiras e, ao mesmo tempo, propor correções de rumo com a ternura de quem quer não quer simplesmente ganhar o argumento, mas ser ouvido e, sobretudo, servir. Com efeito, esse ânimo de servir fica explícito pela escolha de como a obra seria finalizada: com a enumeração de onze sugestões de implementação, a ser conduzida por uma liderança pastoral sábia e amorosa e sem a ânsia de resultados rápidos, de tudo aquilo que foi estudado, “tendo em vista a construção de um alicerce mais firme em sua igreja, a fim de edificá-la e, em áreas necessárias, fazer os reparos adequados nos momentos propícios” (p. 454).

294

Quanto aos aspectos negativos da obra, aponta-se a possível desnecessidade de se ter incluído, ao final de cada capítulo, uma seção com destaques do capítulo. Em que pese o propósito didático do expediente, a percepção do leitor brasileiro comum pode ser a de que esses destaques se mostrem repetitivos e desestimulantes, especialmente quando se chega ao fim de um capítulo de vinte páginas com a vontade de vencê-lo, seja para avançar para o próximo ou interromper a leitura provisoriamente. Mas nada que tire o brilho da contribuição que o Dr. David Allen Bledsoe traz para o despertamento e a capacitação, em matéria eclesiológica, dos pastores desta geração, de quem depende a entrega de uma igreja biblicamente saudável aos líderes eclesiásticos do futuro.